

## ***Apresentação***

*“[...] convém lembrar que ela [a literatura] não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever.” Antonio Candido – O direito à literatura (1988)*

Ao pensar a literatura como uma aventura que não se faz sem riscos, Antonio Candido (1988) chama a atenção para algo que parece atravessar, de diferentes maneiras, os textos reunidos nesse número 25, com tema Livre, da *Revista Claraboia*: a literatura não passa impunemente pela realidade, tampouco permite que passemos por ela sem algum tipo de deslocamento.

Se a literatura é imagem da vida, como afirma o mesmo crítico literário, é também sua transfiguração e, justamente por isso, pode reorganizar experiências, perturbar certezas, colocar discursos sob suspeita e oferecer outras formas de compreender aquilo que somos e o mundo que construímos. Sem dúvidas, reside aí uma das razões de sua permanência e, igualmente, da necessidade de continuarmos pensando criticamente suas formas, seus movimentos e seus efeitos.

É sob essa perspectiva ampla que apresentamos este novo número da *Revista Claraboia*. Os estudos aqui reunidos partem de objetos, períodos históricos, tradições literárias e perspectivas teóricas bastante distintas. Transitam entre a literatura brasileira e estrangeira, a poesia e a narrativa, o texto dramático e a literatura infantil e juvenil, alcançando também questões relacionadas ao ensino e à formação do leitor. Longe de constituir um conjunto homogêneo, os trabalhos encontram alguns pontos de aproximação justamente naquilo que a literatura parece ter de menos pacífico: sua capacidade de confrontar sujeitos com a história, com a experiência social, com a memória, com o desejo, com a violência, com os limites da liberdade e, também, com os próprios modos pelos quais lemos e atribuímos sentido ao mundo.

É justamente a relação entre literatura e experiência histórica que abre este número. Em **Modernidade periférica e fragmentação da experiência: literatura, cidade e crítica cultural**, Filipe Pereira Machado toma como objeto *Los siete locos* (1929), de Roberto Arlt, para examinar as contradições da modernidade capitalista na Buenos Aires das primeiras décadas do século XX. Ao colocar em diálogo a obra de Arlt com diferentes vertentes da crítica cultural, dos estudos sobre a modernidade e do pensamento pós-colonial, o autor observa como

a experiência urbana latino-americana se constitui sob o signo da instabilidade e da fragmentação. Nesse movimento, a literatura permite ler criticamente as tensões entre centro e periferia e as marcas deixadas pelas desigualdades e pelas heranças coloniais na experiência latino-americana.

Se a literatura pode constituir uma forma particular de compreensão da experiência social, sua permanência depende também dos modos pelos quais formamos novos leitores. Essa discussão orienta **A megera (re)domada: releituras digitais da obra shakespeariana nos Anos Finais do Ensino Fundamental**, de Nickolas Marques de Andrade e Valéria Bussola Martins. A partir de uma experiência pedagógica com *A megera domada*, de William Shakespeare, os autores investigam as possibilidades de aproximação entre leitura literária e cultura digital por meio da produção de *stories* do Instagram. Mais do que incorporar uma ferramenta tecnológica às aulas, a proposta coloca em questão as formas pelas quais os estudantes podem se apropriar do texto literário, reinterpretá-lo e fazê-lo circular em linguagens que integram seu universo cultural.

A preocupação com o leitor reaparece, sob outra perspectiva, em **O paradoxo do leitor no texto metaficcional e outras receitas**, de Joyce Santiago Luna. Por meio de uma análise comparativa de *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier, e *Papel Manteiga para embrulhar segredos*, de Cristiane Lisbôa, a autora se volta para as exigências que a narrativa metaficcional impõe a quem lê. Polifonia, fragmentação, paratextos e materialidade editorial participam da construção de obras que recusam uma relação passiva entre texto e leitor.

Também é pela formação do leitor que a literatura se aproxima da memória histórica no artigo **Representações da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985) na literatura infantil: passos para a formação de um leitor literário decolonial**, de Vilson Pruzak dos Santos, Renata Zucki e Adrian Matheus Diniz. Ao comparar *O Reizinho Mandão*, de Ruth Rocha, e *Abaixo a Ditadura!*, de Luiz Marques Martins, os autores analisam diferentes formas de representação literária da ditadura militar brasileira para crianças e jovens. Entre a construção alegórico-metafórica e a narrativa que articula história e ficção, o estudo chama a atenção para o papel da literatura na elaboração de acontecimentos traumáticos e, principalmente, para sua contribuição na formação de leitores capazes de interrogar criticamente os discursos sobre o passado. A leitura literária assume, nessa perspectiva, uma dimensão formativa vinculada à construção de um pensamento decolonial e à problematização de identidades e imaginários historicamente constituídos.

Outros trabalhos deste número se aproximam pela atenção dedicada à poesia e às formas

pelas quais imagens, motivos e tradições são retomados e reconfigurados pela linguagem literária. Em **Eros romântico: uma leitura do desejo como falta em *La Belle Dame sans Merci*, de John Keats, e *Annabel Lee*, de Edgar Allan Poe**, Mirian Sodré e Amanda Leonardi de Oliveira propõem uma leitura comparada dos dois poemas a partir da concepção de Eros como experiência do desejo e da falta. O diálogo com a tradição helênica permite às autoras observar a permanência e a transformação de determinadas concepções do amor na poesia romântica do século XIX. O desejo emerge, assim, de uma tensão que aproxima presença e ausência, realização e impossibilidade, recuperando ecos da tradição clássica ao mesmo tempo que os reinscreve no imaginário romântico.

O universo poético constitui igualmente o ponto de partida de **A representação feminina celebrada no Cântico do rei Salomão**, de Ferdinando de Oliveira Figueirêdo e Juliana Alves da Silva. Voltando-se para o *Cântico dos Cânticos*, os autores analisam a construção da figura feminina e sua inserção no contexto sociocultural em que o texto foi produzido. O estudo enfatiza a presença de uma mulher que não se reduz à condição de objeto da voz masculina, mas aparece dotada de desejo, voz e participação na própria experiência amorosa.

O diálogo entre poéticas ganha outra configuração em **Da faca cabralina à faca sophiana: reconfiguração do motivo da “faca” como operador estilístico, simbólico e narrativo**, de Cecília Lara da Cruz. O artigo aproxima *O Cristo Cigano*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e a poética de João Cabral de Melo Neto, tomando a imagem da faca como elemento central desse encontro. Se em *Uma faca só lâmina* ela participa do rigor e da impessoalidade que caracterizam a construção poética cabralina, em Sophia a mesma imagem é deslocada para uma cena de violência concreta, marcada pelo sacrifício e pela revelação. O estudo evidencia, dessa maneira, não uma simples relação de influência, mas um processo de apropriação e transformação no qual o diálogo entre os poetas produz novos sentidos estéticos e éticos.

O poeta João Cabral de Melo Neto permanece em cena no artigo seguinte. Em **A voz cabralina no enredo do Auto do frade**, Fernanda Luis Nunes de Mattos se dedica a *Auto do frade: poema para vozes*, publicado em 1984, no qual o poeta recupera os últimos momentos de Frei Caneca após os acontecimentos da Confederação do Equador. A distância histórica que separa o poeta de sua personagem não impede que entre ambos se estabeleçam aproximações políticas, sociais e mesmo formas semelhantes de perceber o mundo. Ao cotejar a construção dramática da obra com elementos históricos e com a fortuna crítica cabralina, o estudo investiga

os momentos em que a voz de Frei Caneca e a voz do próprio João Cabral parecem se aproximar, tensionando os limites entre personagem histórica, construção poética e voz autoral.

Na seção **Farol**, dedicada à publicação de alunos de graduação em parceria com suas orientadoras, a relação entre literatura e experiência histórica retorna ao presente mais imediato em **A literatura brasileira contemporânea em tempos de crise: o caso de Histórias da pandemia**, de Tairyne Teodoro Alves e Ana Paula Franco Nobile Brandileone. As autoras analisam a coletânea *Histórias da pandemia*, organizada em torno das experiências produzidas pela Covid-19, buscando compreender de que maneira os contos formalizam literariamente um acontecimento que alterou profundamente as formas de sociabilidade, os afetos e a percepção do cotidiano. Ao mapear diferentes figurações da crise sanitária, o artigo também enfrenta uma questão importante para a crítica contemporânea: como ler uma produção que nasce praticamente ao mesmo tempo que o acontecimento histórico que procura elaborar? As narrativas analisadas transformam a incerteza, o isolamento e os impactos sociais e psicológicos daquele período em matéria literária, fazendo da escrita uma das formas possíveis de organizar e interrogar uma experiência ainda recente.

A experiência da vulnerabilidade também atravessa **Liberdade, responsabilidade e angústia: Macabéa e o existencialismo**, de Amanda Carolina de Andrade Santos e Lucélia Canassa. As autoras retomam uma das personagens mais significativas da obra de Clarice Lispector para discutir liberdade, responsabilidade e angústia à luz do pensamento existencialista. Entretanto, o artigo não se limita à aplicação de categorias filosóficas à personagem. Ao considerar a pobreza, a marginalização e o apagamento que constituem a experiência de Macabéa, o estudo problematiza os próprios limites de uma concepção universalizante da liberdade.

Encerrando o número, a resenha **“Só me dou conta da gravidade dos fatos ao escrever um poema”: mapas da maternidade em Azul-bebê, de Mariana Caser**, de Renan Henrique Messias de Paulo, apresenta uma leitura crítica da obra publicada em 2025. Articulando prosa e poesia, *Azul-bebê* transforma a experiência cotidiana da maternidade — atravessada pela exaustão, pelo medo, pelas contradições, mas também pelos afetos — em matéria de elaboração poética. A leitura proposta evidencia o modo como uma experiência íntima pode ultrapassar os limites do individual e alcançar uma dimensão compartilhada, fazendo da escrita não apenas registro, mas também espaço de reelaboração, resistência e invenção.

Percorridos os textos deste número, podemos retornar à provocação de Candido que escolhemos como ponto de partida. Se a literatura não constitui uma experiência inofensiva,

talvez seja porque sua relação com a realidade nunca se limite à reprodução daquilo que já conhecemos. Nas obras e questões examinadas pelos estudos aqui reunidos, a experiência literária frequentemente nasce do atrito: entre centro e periferia, passado e presente, história e ficção, liberdade e condicionamento, tradição e reconfiguração, palavra e silêncio, experiência individual e vida coletiva. Até mesmo quando chega à escola e encontra as linguagens digitais, a literatura continua exigindo do leitor alguma forma de participação, deslocamento e resposta.

Não se pretende, com isso, construir uma unidade artificial para trabalhos que preservam objetos, perspectivas teóricas e metodologias próprias. O que parece aproximá-los é justamente o reconhecimento, por diferentes caminhos, dessa potência da literatura para transformar a experiência em forma e, pela forma, devolvê-la ao leitor já modificada.

Ao apresentarmos este novo número da *Revista Claraboia*, agradecemos aos autores e autoras que confiaram seus trabalhos à revista, aos pareceristas *ad hoc* e aos membros dos conselhos editorial e científico que contribuíram para sua realização. Que os textos aqui reunidos encontrem leitores dispostos não apenas a acompanhá-los, mas também a aceitar algo do risco de leitura anunciado por Candido: aquele que nos retira, ainda que momentaneamente, do lugar seguro das respostas já conhecidas e nos devolve ao mundo com outras perguntas.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Professor Doutor Edson Salviano Nery Pereira

Agosto de 2026.